

■ Gilles Deleuze em combate contra a impostura

.....**Guilherme Castelo Branco**

A filosofia não nasceu sob o signo da pacificação nem se desenvolveu num mundo social em harmonia absoluta. Oriunda de uma precária e frágil experiência democrática na Grécia antiga, a tarefa maior da filosofia, à época, foi a de buscar constituir argumentos consistentes do ponto de vista da lógica do discurso que, além disto, fossem socialmente aceitos, ao menos para uma parcela significativa do mundo social. Desde então, o pensamento luta para fazer valer as intelecções que realiza. Não é uma tarefa fácil empreender um campo de luta na teoria. Pede-se tomada de posição, capacidade persuasiva, espírito combativo e ligeiro.

Do campo político acabou passando a existir um domínio mais restrito da política de pensamento. Quem pode falar, com que autoridade, a partir de que modalidade de formação, eis alguns critérios que fazem parte de uma política discursiva.

Gilles Deleuze, quando trata da questão do pensamento, realiza um trabalho não somente filosófico, mas de política filosófica, de caráter agonístico, o que nunca deixou de ser um traço marcante e constante em seus trabalhos. Para ele, o que importa, acima de tudo, para o pensador, cientista e artista verdadeiros, é se libertar da imagem do pensamento, da taxionomia e da organização formal através dos quais se faz uma defesa estratégica do mundo das representações. Para todo modo de pensamento partidário daquilo que Deleuze chama de imagem dogmática do pensamento¹¹², o campo da inteligibilidade, o único possível e desejável, é o mundo das representações que explicitam um mundo verdadeiro, lógico e acessível ao entendimento humano. Para essa imagem (dogmática) do pensamento, algumas teses são centrais, e se tomarmos uma exposição deleuziana mais econômica e resumida, ela poderia se reduzir a três proposições: 1) o pensador quer e ama o verdadeiro; 2) forças estranhas ao pensamento (como o corpo, as paixões, etc.), nos levam ao erro; 3) é só encontrar um método de bem pensar e evitar o erro, para se pensar corretamente. Na verdade, Deleuze bem sabe que inexistente o acordo entre as faculdades, assim como reconhece que não tem o menor

¹¹² Chamo a atenção, em especial, para o *Nietzsche e a Filosofia*, onde a questão da imagem do pensamento é apresentado com imensa capacidade de síntese.

cabimento a crença ingênua de que pensamento e realidade são inter-permeáveis e estruturados por um mesmo princípio organizativo comum a eles.

Deleuze nunca deixou passar qualquer oportunidade para denunciar a imagem do pensamento e seus partidários, o que não é ocasional e periférico nos seus textos. Esta é a luta mais acirrada que o pensador francês levou a cabo.

Aos partidários da imagem do pensamento, toda interpretação diferente daquela feita por eles, em especial as que defendem as potências da criação e da interpretação, são tidas como simulacro e fonte de engano. Deleuze não teme tal posição e afirma que devemos nos livrar da imagem do pensamento, para fazer da filosofia, da arte e da ciência, nos seus começos efetivos, processos criativos que rendem frutos. Por sua vez, todo processo criativo advém de problemas ou de interrogações radicais, que exigem soluções totalmente novas.

Deleuze alerta que é característica da filosofia possuir essa dimensão agonística: “se a filosofia tem uma origem grega, como é certo dizê-lo, é porque a cidade, ao contrário dos impérios ou dos estados, inventa o *agôn* como regra de uma sociedade de “amigos”, a comunidade dos homens livres enquanto rivais (cidadãos). É a situação constantemente descrita por Platão: se cada cidadão aspira a alguma coisa, ele encontra necessariamente rivais...” (Deleuze e Guattari, 2004, p. 17). Eu acrescentaria ainda que, se pensamento e luta fazem par, inexistem filosofia sem beligerância, sem rivalidade, sem disputa. Com a ressalva de que o inimigo maior da filosofia não é a luta argumentativa, nem o combate teórico, mas a violência cega, a pura e simples truculência, são armas apontadas para as pessoas sem qualquer diálogo ou respeito, é todo constrangimento físico sem tirar nem pôr, é a pura arbitrariedade. A agonística entre idéias diferentes não é a verdadeira inimiga da filosofia, mas o lugar natural de seu exercício. Pensar e travar combates de idéias são quase sinônimos.

Historicamente, talvez a mais alta expressão da rivalidade em filosofia seja o embate entre Platão e os Sofistas, renovado na modernidade, inclusive na recente filosofia francesa na qual Gilles Deleuze é figura de proa. Deleuze, na verdade, poderia ser considerado um intransigente aliado de posições filosóficas mais próximas dos Sofistas, uma vez que ele sustenta que “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em *criar* conceitos” (op. cit., p. 13). Filosofia não é contemplação nem descrição de essências preexistentes, mas atividade de criação. Deleuze acrescenta, de modo a não deixar dúvidas quanto ao estatuto anti-platônico de seu modo de enxergar o fazer filosófico: “os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados, ou antes criados, e não seriam nada sem

a assinatura daqueles que os criam” (idem). O pensamento depende do criador, e as idéias são criaturas surgidas de um processo de germinação que acontece nele. Não há filosofia sem o amigo da filosofia, nem sem o filósofo. Mas, por outro lado, não existiria um bom filósofo que tem boa vontade em pensar e agir. Sócrates, diga-se a verdade, é um bom parceiro de idéias; isto não o habilitaria a ser considerado um filósofo. Falta a ele criatividade e a dolorosa experiência de forjar, elaborar idéias, com toda a dificuldade inerente a este processo de elaboração do pensamento.

O que Deleuze alerta, na verdade, é que devemos falar das forças que levam à filosofia da representação, à imagem dogmática do pensamento. Ele chama a atenção para os truques ou pressupostos que a imagem do pensamento porta em si e omite, operação intelectual onde “nunca se faz referência às forças reais que *fazem* o pensamento, nunca se relaciona o próprio pensamento com as forças reais que ele supõe *enquanto pensamento*. Nunca se relaciona o verdadeiro com o que ele pressupõe. Ora, não há verdade que, antes de ser uma verdade, não seja a efetuação de um sentido ou a realização de um valor... Temos sempre as verdades que merecemos em função do sentido daquilo que concebemos, do valor daquilo em que acreditamos” (Deleuze, 1976, p. 85).

Compete à filosofia, no partido de Deleuze, apontar para os prejuízos do pensamento instituído, que se diz sério, que se pensa responsável perante os outros, que não contraria aos poderes, sejam eles civis, religiosos ou outros. Compete ao bom lado da agonística da filosofia denunciar seus rivais vis e baixos, malgrado as verdades que eles possam eventualmente trazer; na verdade, o lado altivo do pensamento não está no erro, não pretende defender o erro, mas quer elevar e assumir as potências do falso. O lado combativo da potência do falso vem da atitude própria do bom rival: “uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém não é uma filosofia. Ela serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso... Existe alguma disciplina, fora da filosofia, que se proponha criticar todas as mistificações, quaisquer que sejam sua fonte e seu objetivo?” (ibidem, p. 87). A filosofia convenhamos, ainda é o único saber corrosivo e que contraria a tolice oficial e não-oficial.

Os rivais da filosofia, afirma Deleuze em obra de maturidade, escrita conjuntamente com Felix Guattari, *O que é a filosofia?* (2004), na modernidade, assumiram novas roupagens, numa escala descendente e decadente dignas da evolução do capitalismo universal. Decadência econômica, decadência de pensamento. Muito abaixo do bom combate entre platonismo e anti-platonismo, novos rivais entram em cena para tentar ganhar os beneplácitos do poder, em tempos

recentes. Em primeiro lugar: as ciências do homem, que procuraram transformar a natureza dos conceitos, buscando reduzi-las a representações coletivas, em obras sociais e históricas de sujeitos anônimos da história social. A seguir, numa escala em que “...a filosofia enfrentaria seus rivais cada vez mais insolentes, cada vez mais calamitosos, que Platão ele mesmo não teria imaginado em seus momentos mais cômicos” (p. 19), a lista é clara e distinta: a epistemologia, a lingüística, a psicanálise, a análise lógica. Mas o pior de tudo, o fundo do poço, finalmente, ainda aparece, quando “...todas as disciplinas da comunicação apoderaram-se da própria palavra conceito e disseram: é nosso negócio, somos nós os criativos, nós somos os *conceituadores!*” (idem).

Diante da possibilidade do desastre para o pensamento, Deleuze reage com a força da filosofia, velha senhora, que se ri das vãs tentativas de todos os modos de pensamento vis e baixos, e defende, com todas as forças, que “...a questão da filosofia é o ponto singular onde o conceito e a criação se remetem um ao outro” (ibidem, p. 20), defendendo o poder problematizador do fazer filosófico.

Todo Problema, lembra Deleuze, em sua dimensão mais crucial, é o que produz um desvio de rota, é o que inviabiliza todos os postulados e axiomas instituídos, é o que incita à desvinculação do já sabido, é aquilo que vem converter o que até então era mundo das convicções numa *doxa*, num pensamento trivial onde os problemas (aí percebidos como sem importância) já foram tornados possíveis pelas regras de solução. Em outros termos, Deleuze está alertando para os perigos de a filosofia converter-se numa mera *doxa*, praticada por defensores da imagem (moral) do pensamento, que se esquivam do risco, que temem os perigos da emergência de algo novo no mundo do pensamento e no mundo real. A filosofia, assim, advém de um problema fundamental, que exige do filósofo a realização de uma *efetiva criação filosófica*. Citemos: “o problema do começo em filosofia é sempre considerado, com justa razão, como muito delicado. Pois começar significa eliminar todos os pressupostos” (Deleuze, 1981, p. 169). Filosofar é pensar a partir de problemas, que Deleuze entende como sendo decorrentes de signos que forçam o pensamento, que levam ao surgimento de uma nova intelecção, de uma nova interpretação.¹¹³

¹¹³ Neste caso, a interpretação nada tem a ver com a noção de hermenêutica, tão cara a certos autores influenciados pela fenomenologia, que vêem na interpretação uma chave de elucidação da estrutura e sentido profundos e implícitos nos discursos. Interpretação, para Deleuze, é afirmação ou criação de realidade, é decifração que deriva da força dos signos, que tiram o pensamento de seu estupor, quando ele está acomodado e institucionalizado.

Pensar, problematizar, enfim, significa sair da causalidade ideal das determinações históricas, exige imperiosamente um experimentador que, de forma involuntária, realiza uma mudança teórica e prática sem contornos pré-definidos, na maioria das vezes sem reconhecimento de público e crítica. Deleuze trata dessa questão do confronto do problematizador ou criador *versus* o defensor de verdades estabelecidas com especial humor. Vejamos esta passagem, um pouco mais extensa, onde Deleuze (1981) trata da oposição entre problema e saber: “...o aprendiz, por um lado, é aquele que constitui e investe problemas práticos ou especulativos enquanto tais. Aprender é o nome que convém aos atos subjetivos operados face à objetividade do problema (Idéia), enquanto que o saber designa tão somente a generalidade do conceito ou a posse calma de uma regra de soluções. Uma experiência célebre em psicologia apresenta um macaco ao qual se propõe encontrar seu alimento em recipientes de uma determinada cor, entre outros de cor diversa; ocorre um período paradoxal no qual o número de ‘erros’ diminui, sem que o macaco, entretanto, possua ainda o ‘saber’ ou a ‘verdade’ de uma solução para cada caso. Feliz momento em que o macaco-filósofo se abre à verdade e produz, ele próprio, a verdade, mas apenas à medida em que começa a penetrar na espessura colorida de um problema” (p. 213-214).

Deleuze prossegue afirmando que ter diante de si um problema e produzir decifração são atributos mais apropriados a seres pensantes. Vamos à seqüência: “Vê-se como a descontinuidade das respostas se engendra sobre o fundo de continuidade de uma aprendizagem ideal, e como o verdadeiro e o falso se distribuem segundo e que se compreende a partir do problema, como a verdade final, quando é obtida, surge como o limite do problema, inteiramente compreendido e determinado, como produto de séries genéticas que constituem o sentido ou o resultado de uma gênese que não se passa apenas na cabeça de um macaco. Aprender é penetrar no universal das relações que constituem a Idéia, e nas singularidades que lhes correspondem” (idem).

Chamamos a atenção para a associação entre problema e Idéia (em maiúsculo) no texto deleuziano. Trata-se da defesa mais apaixonada possível do trabalho filosófico: criar conceitos, apresentar Idéias. Filosofar não é descrever nem o mundo nem os jogos de linguagem. Filosofar não é repensar o saber instituído no presente histórico. Nem é, tampouco, rearticular noções possibilitadas pelo espírito do tempo.

A aposta deleuziana é a do renascimento da filosofia, aposta que é e que deve ser ensinada, como já o fez, num passado ainda atual, Nietzsche: “...a filosofia tem uma relação essencial com o tempo: sempre contra seu tempo, crítico do

.....

mundo atual, o filósofo forma conceitos que não são nem eternos nem históricos, mas intempestivos e sem atualidade. A oposição na qual a filosofia se realiza a do é intempestivo com o atual, do intempestivo com nosso tempo...” (Deleuze, 1976, p. 88).

Na luta pela filosofia, em prol da filosofia, Gilles Deleuze mostra sua face combativa de defensor do pensamento. Para Deleuze, sem o pensamento, sem a criação, nosso mundo será tão somente pura temeridade. A luta de Deleuze tem um inimigo maior e mais impertinente que a mídia, que a massificação: a impostura filosófica, que busca converter senso comum e idéias inócuas em pensamento financiado. A luta é contra o cinismo dos filósofos mercadores, também chamados, em nossa triste modernidade, de pesquisadores.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976.

_____. *Différence et Répétition*. Paris: PUF, 1981, 4ª ed.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia*. São Paulo: Ed. 34, 2004.

■.....Guilherme Castelo Branco é Professor Associado e líder do Laboratório de Filosofia Contemporânea da UFRJ, tendo publicado vários artigos e livros sobre os temas da Filosofia Contemporânea e Filosofia Política.